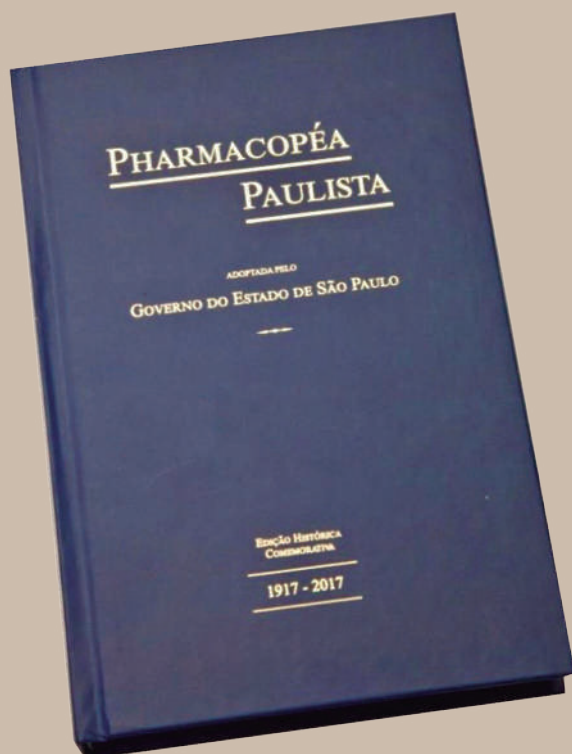


AS FÓRMULAS FARMACÊUTICAS Da Theriaca à Triaga Brasília e às farmacopeias

No século XIV, ainda em Veneza, ocorreu a subdivisão das atividades: as farmácias que elaboravam e as que vendiam os produtos para revenda e ao público.



OS PRIMÓRDIOS DE FÓRMULAS DE REMÉDIOS

Em nossas incursões no campo das Ciências Farmacêuticas, na Farmácia Científica do passado, deparamo-nos com os conhecimentos trazidos e implantados pelos padres jesuítas no período colonial brasileiro.

Um destes temas é o da Triaga Brasília, a panaceia elaborada pelos padres jesuítas no Brasil, que chegou a ser utilizada, inclusive, na Europa no século XVIII, tendo sido considerada como “remédio extraordinário das terras brasileiras”.

Era uma composição de cerca de 60 drogas, ou seja, uma panaceia, remédio que tem o poder de curar as doenças, especialmente aquelas decorrentes de envenenamentos. Este tipo de remédio está inserido em lendas e fatos com múltiplos registros da história.

Neste artigo, para contribuir com mais alguns tópicos do processo evolutivo dos medicamentos de nossos dias, vamos partir da obsessão do rei Mitridates (120 – 63 a.C.), que, receoso de ser envenenado por seus inimigos, ingeria doses reduzidas de venenos tradicionais da época, com o objetivo de tornar seu organismo protegido contra as ameaças, latentes de seu tempo.

Depois de ter guerreado por longos períodos contra Roma (guerras mitridáticas), Mitridates sucumbiu ao general romano Pompeio Magno (106 - 48 a.C.). No palácio conquistado, no interior de uma arca,

Pompeo Magno encontrou uma série de receitas e, entre elas, aquela do precioso mitridático, a panacea desenvolvida por Mitridates.

A fórmula desenvolvida por Mitridates foi utilizada e notabilizada entre os médicos romanos da época, sendo, posteriormente, reformulada por Andrômaco – o Velho, de Creta, médico de Nero. Coube a Andrômaco utilizar a maioria dos ingredientes do mitridático, adicionando outros, entre os quais os troscos, ou seja, pastilhas de carne de víbora e ópio, numa composição com 62 constituintes, denominada *Theriaca magna*, em latim. Esse tipo de composição era chamada de electuario, que significa remédio composto de várias drogas misturadas com mel e vinho, que acabou dando origem ao termo receituário de nossos dias.

A recuperação da fórmula do mitridático foi comemorada publicamente em Roma como sendo o maior troféu da vitória contra Mitridates. Andrômaco escreveu um breve poema e o ofertou a Nero, descrevendo os ingredientes, o modo de preparação e o de usar do remédio. Tal poema foi transcrito pelo médico Cláudio Galeno (129-199 d.C.) em sua obra *De Theriaca ad Pisonem* (a Triaga de Piso). O texto difundiu a receita entre todos os médicos da Europa até finais do século XVIII e inícios do XIX, quando, praticamente, a fórmula deixou de ser utilizada. Foram mais de 1.700 anos de uso de uma preparação farmacêutica.

Theriaca é palavra derivada da língua grega que significa “contra o que é feroz” (Therion – animais venenosos), que deu origem à palavra “terapêutica” de nossos dias, que é a parte da medicina que se dedica ao estudo dos métodos e procedimentos para tratar doenças.

No poema de Andrômaco, *os usos da Theriaca eram: contra os venenos letais, contra as injúrias de feras, contra males do estômago, contra a asma, contra os gases do ventrículo, contra as complicações dos intestinos, contra as cólicas, contra os “arquáticos”, contra a hidropsia, a tísia, o tétano, os espasmos do tendão, o ‘opisthotono’, a pleurite e as afecções da vesícula. Ela curava os nefríticos, os purulentos e era usada contra a peste e a mordida de cão raivoso”.*

O termo “farmacopeia” para designar compêndio com fórmulas de medicamentos somente foi adotado a partir de 1548, pelo médico francês Jacques Du Bois.

As imitações da Theriaca de Andrômaco se multiplicaram pelo mundo, sendo a mais famosa a Theriaca de Veneza, que, durante muitos séculos, teve o monopólio do remédio em razão de ser um centro de entrada e de venda de mercadorias de todo o mundo e também por reunir os mais célebres cientistas da época, na República Sereníssima.

As farmácias mais famosas de Veneza (TreTorri, AlloStruzzo e Alla Testa d’oro) eram consideradas verdadeiros locais de culto. A arte de elaborar a Theriaca era cultuada como uma confraternização.

A manipulação era feita em público, na presença de interessados locais e de outros países, bem como de autoridades. Os que elaboravam a Theriaca faziam um juramento de “não dar, não mandar dar e não ensinar a fazer remédios venenosos”. No século XIV, ainda em Veneza, ocorreu a subdivisão das atividades: as farmácias que elaboravam e as que vendiam os produtos para revenda e ao público. Nas farmácias de venda ao público existia um local para encontros entre os nobres que se interagiam e, não raro, se confrontavam.

Em Roma, a Spezieriadi Santa Maria della Scala era uma farmácia utilizada pelos monges, que cultivavam no próprio jardim as plantas medicinais necessárias ao preparo de remédios. No final do século XVII, a Spezeria foi aberta ao público e passou a ser frequentada também por príncipes, cardeais e até mesmo os médicos dos papas.

Isso lhe valeu o apelido de “farmácia dos papas” e também permitiu usufruir benefícios fiscais. Neste estabelecimento, foram produzidos remédios famosos, como Acqua della Scalla, lavanda antiviral usada para doenças do trato respiratório, dores reumáticas e alergia, a Acqua Melissa, usada como agente calmante, e a sua Theriaca composta de 57 substâncias diferentes. Em 1954, as carmelitas

deixaram de produzir estes preparados, e a Spezierias e tornou um museu com vasos, balanças, almofarizes, trituradores e alambiques de destilação.

A Triaga Brasília dos jesuítas no Brasil colonial

Os padres jesuítas chegaram ao Brasil pela primeira vez em 1549. Além da missão religiosa, dedicavam-se a suprir a necessidade de remédios para a cura e preservação da saúde de colonos, escravos e índios. Detentores de conhecimentos farmacêuticos, como o Padre José de Anchieta – considerado o primeiro farmacêutico do Brasil, tinham boticas ao lado de seus colégios em que eram guardados e preparados os insumos e remédios que provinham de Portugal.

A interação com os nativos possibilitou aos padres conhecerem a flora, a fauna

Os padres jesuítas chegaram ao Brasil pela primeira vez em 1549. Além da missão religiosa, dedicavam-se a suprir a necessidade de remédios para a cura e preservação da saúde de colonos, escravos e índios.

e os minerais utilizados, ampliando o conhecimento e reduzindo a dependência de ingredientes oriundos de ultramar.

A cultura dos padres jesuítas, como a dos médicos daquele período, era oriunda do conhecimento disseminado nas obras de filósofos e médicos, entre os quais Hipócrates e Cláudio Galeno, figuras ícones nos campos da medicina e da farmácia. Os jesuítas não se limitavam a cultivar as antigas tradições, mas procuravam transpor os conhecimentos nas questões e problemas da população em que estavam vivenciando.

No Colégio da Bahia, passou-se a desenvolver a Triaga Brasilica, uma versão da Theriaca de Andrômaco, inspirada nas boticas dos colégios de Roma e de Veneza que, apesar de ser constituída por ingredientes e métodos novos, baseava-se na receita tradicional.

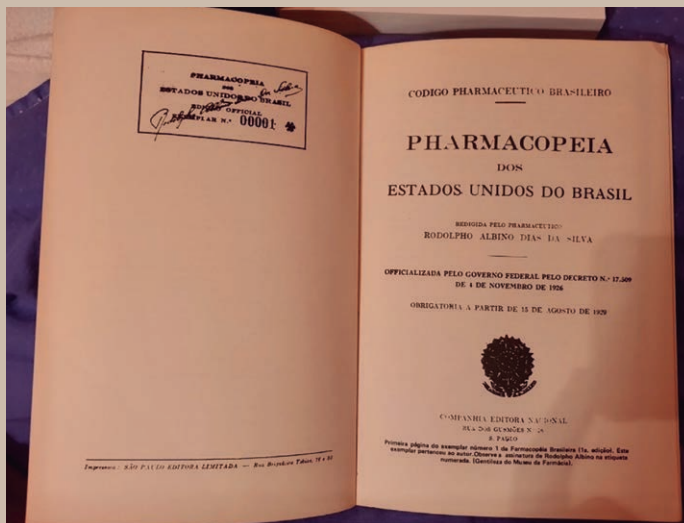
Os primeiros registros da existência da Triaga Brasilica são anteriores a 1716, segundo João Curvo Semedo, constante de sua obra Memorial de vários símplices qua da India Oriental, da America& de outras partes do mundo vem ao nosso Reyno para remédio de muitas doenças.

A Triaga Brasilica – “Celeberrima em todo aquelle novo Mundo da Botica do Collegio da Bahia” é uma entre centenas de receitas, encontrada na Collecção de Receitas do Colégio dos Jesuítas da Bahia. O formulário encontra-se no Arquivo Romano da Companhia de Jesus, com data de 1766, na folha de rosto.

A Triaga Brasilica era definida como um antídoto composto ou panacea, semelhante às triagas de Roma e de Veneza. Os registros encontrados em vários artigos sobre as triagas fazem referência à composição e usos: “No Collegio dos Religiosos da Companhia de Jesus da Bahia, se faz huma Triaga chamada Brasilica, composta de várias plantas, raízes, ervas, frutos, & outras que nascem no Brasil, dotadas de tão excellentes virtudes, que cada huma só per si pôde servir em lugar de Triaga Magna; pois com algumas das raízes, de que se compõem este Antídoto, se curam no Brasil de qualquer peçonha, & mordedura venenosa, como também de outras enfermidades, só com mastigallas; & a experiencia tem mostrado, que senão he melhor que a Triaga Magna, não he inferior a ella; porque ehefficacissima contra todo o veneno (excepto os corrosivos) como he o solimão, & o rosalgar”.

As Boticas dos Colégios Jesuítas elaboravam, forneciam e vendiam remédios aos habitantes locais e, inclusive, enviavam às populações vizinhas. Os jesuítas distribuíam gratuitamente remédios aos pobres e cobravam das pessoas de posse, bem como adotavam formulações diferenciadas desses remédios.

No manuscrito “Colecção de várias receitas e segredos particulares”, de 1766, existem várias fórmulas, entre as quais aquelas que usavam o óleo de copaíba, conhecido como “bálsamo dos jesuítas” com o qual se preparavam remédios para algumas indicações. Constam desta coleção as seguintes formulações e indicações: “o Bálsamo para Empigen (doenças de pelo), o Bálsamo Apoplético, a Caçoula admirável, o Emplastro para dores de cabeça, o Linimento para Empige, a Pílula Hiterica, a Tintura estomacal, a Triaga Brasilica, a Nova Triaga Brasilica, os Trociscos de jara-racas, o Unguento de azougue, Unguento para empijas e o Unguento preservativo



das herpes”. Depreende-se que o “bálsamo dos jesuítas” tinha várias indicações que ia desde os remédios para doenças de pele, passando pela cicatrização de feridas até dores de cabeça e herpes.

As Triagas, inclusive a Brasília, por conterem ingredientes como a papoula (ópio), pimenta, gengibre, valeriana, canela, bálsamos, genciana, entre muitas outras plantas medicinais, algumas em uso na terapêutica atual, constituem as bases históricas da legislação e regulamentos de medicamentos fitoterápicos tradicionais de muitos países.

A evolução das fórmulas e dos formulários até as primeiras farmacopeias

O processo evolutivo de fórmulas e coletâneas de formulações, desde Mitridates até nossos dias foi enorme. Do início da era cristã até praticamente o século XIII existem poucos registros, como, por exemplo, o Antidotarium de autoria de Mattheus Platearius no século XII, o Antidotarium Nicolai Myrepsi no século XIII, o Antidotarium Grabadin de Pseudo-Mesue do século XIII e a coleção de receitas Antidotarium produzida na escola de Salerno, também do século XIII.

Durante um longo período, o domínio de fórmulas pertencia a uma categoria de comerciantes, a maioria dos quais oferecia produtos pouco confiáveis perante os médicos. A solução encontrada foi a elaboração de fórmulas feitas por médicos e padronizadas em formulários de cidades. Pouco a pouco, as coletâneas de antídotos passaram a ser coleções de fórmulas de remédios, ou seja, receituários, formulários, dispensários e códigos até a adoção do termo farmacopeia.

Com a separação da farmácia da medicina, em 1240, por Frederico II, Rei das Duas Sicílias e Imperador da Alemanha, houve gradual processo de fiscalização das atividades farmacêuticas, surgindo compêndios de cidades-repúblicas no período do Renascimento. Em 1498, surge o primeiro compêndio oficial, reconhecido historicamente como a primeira farmacopeia oficial, com o título “NUOVO RECEPTARIO COMPOSTO DAL FAMOSSISIMO CHOLLEGIO DEGLI EXIMII DOCTORI

DELLA ARTE ET MEDICINA DELLA INCLITACIPTADI FIRENZE” (Novo receituário composto pelo formosíssimo colégio dos exímios doutores da arte e medicina da emérita cidade de Florença).

O termo “farmacopeia” demorou bastante para ser reconhecido como designação oficial de um livro de fórmulas e normas farmacêuticas. Foi inicialmente utilizado pelo escritor Diógenes Laertius, no século III, para se referir à elaboração de remédios para diferenciar de antídotos. O termo “farmacopeia” para designar compêndio com fórmulas de medicamentos somente foi adotado a partir de 1548, pelo médico francês Jacques Du Bois, seguido de outras publicações em 1560 pelo médico alemão Bretschneider-Placotomas e, sucessivamente, em muitos outros países europeus.

A fórmula da Theriaca de Andrômaco, disseminada por Galeno, foi reeditada na Farmacopeia de Zwelter, em 1653, e no Códex francês de 1758, com algumas modificações.

Cronologicamente, as primeiras farmacopeias oficiais foram a do Ricettario Fiorentino, oficializado em 1573, seguido da Pharmacopoeia Londinensis, de 1618, e do Dispensatorium, Branden burgicum em 1698, entre outras.

A primeira farmacopeia vigente no Brasil foi a Pharmacopoeia Geral para o Reino e Domínios de Portugal, oficializada em 1794.


O primeiro compêndio farmacopeico elaborado no Brasil foi a Pharmacopeia Paulista, oficializada em 1917 para o Estado de São Paulo, seguido pelo Código Farmacêutico Brasileiro – Farmacopeia dos Estados Unidos do Brasil, oficializado em 1926.

Paralelamente à existência das Farmacopeias oficiais coexistiram muitos formulários elaborados por especialistas, que continham fórmulas e técnicas inovadoras, que serviam de referência para as farmácias magistrais e farmácias hospitalares, mas que não tinham nenhum caráter regulatório.

Entre estas, se destacaram no Brasil o Formulário e Guia Médico, elaborado por

Paralelamente à existência das Farmacopeias oficiais coexistiram muitos formulários elaborados por especialistas, que continham fórmulas e técnicas inovadoras, que serviam de referência para as farmácias magistrais e farmácias hospitalares.

Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, e o Formulário Médico Farmacêutico Brasileiro de Virgílio Lucas, destinados às farmácias magistrais e o Formulário do Hospital das Clínicas da cidade de São Paulo, elaborado por José Sílvia Cimino, destinado às farmácias hospitalares.

Esse extraordinário acervo de compêndios, que registra o processo evolutivo dos remédios, fármacos e medicamentos, é a memória que dá suporte aos cientistas na permanente luta pela preservação da saúde. Constitui a base para a prospecção de novos fármacos e medicamentos na prevenção e tratamento das doenças da atualidade, bem como daquelas consideradas raras e as novas que nos afligem na atualidade. 

Acácio Alves de Souza Lima Filho é Acadêmico Presidente da Academia de Ciências Farmacêuticas do Brasil.
E-mail: acaciolima@gmail.com

Lauro Domingos Moretto é Acadêmico Presidente Emérito da Academia de Ciências Farmacêuticas do Brasil.
E-mail: lauromoretto@terra.com.br